



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

POR QUE AS MULHERES NEGRAS SÃO MINORIA NO MERCADO MATRIMONIAL?

Clarice Fortunato Araújo

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

claricearaujo2011@gmail.com

O presente estudo aborda a desvantagem das mulheres negras no mercado matrimonial, analisando as causas e consequências deste fenômeno étnico e cultural. Essa reflexão é de fundamental importância quando pensamos na afetividade da mulher negra, que, desde os períodos coloniais, é explorada, violentada e desvalorizada esteticamente. Nos dias atuais, quando esta mulher busca um parceiro para manter uma relação fixa, na maior parte das vezes, não tem muitas opções de escolha e acaba tendo uma vida solitária. A desvantagem da mulher negra para a mulher branca nos índices de matrimônio é registrada em pesquisas demográficas.

Alguns questionamentos surgem a respeito deste assunto: quais seriam os motivos que levam a população negra feminina ao celibato? Por que os homens negros escolhem ou preferem se casar com a mulher branca, ou mais especificamente com a loira? Quando é que a “solidão” da mulher negra não é resultado de uma escolha, mas sim falta de opção? E é na tentativa de refletir a respeito dessas questões que este trabalho é desenvolvido.

A oficialização da união é importante, não apenas por questões afetivas, mas, principalmente, por questões legais, como planejamento familiar, divisões de bens, entre outros. Ainda que a mulher, para ser feliz, não tenha que, necessariamente, se casar dentro dos padrões tradicionais, quando ela faz esta opção, a cor da sua pele não deveria ser uma desvantagem nesse processo.

Por mais inusitado e até constrangedor que possa parecer, a mulher negra é rejeitada não só pelos homens brancos, mas também pelos homens negros. Sim, eles preferem as loiras! Isso é fato comprovado estatisticamente em estudos, inclusive com depoimentos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Há hipóteses de que os homens negros preferem as loiras porque elas são mais bonitas e “gostosas”, porém há também versões que apontam que são as mulheres brancas que preferem os homens negros, isso porque elas seriam menos racistas que os homens. O fato é que, como afirma Carneiro (1995), “as mulheres negras são, realmente, estética e socialmente desvalorizadas”.

Salvador é a maior cidade, fora do continente africano, que concentra a maior população de descendentes de africanos do mundo. De acordo com o último censo do IBGE, esta cidade apresenta uma população composta de 80% de habitantes negros e mestiços. Além disso, é inegável a confluência de culturas e povos diferentes que ali aportaram e se misturaram: descendentes de africanos, índios e brancos portugueses no período da nossa formação. A miscigenação, que é uma prática histórica e cultural presente desde a formação da sociedade brasileira, vem se realizando muito mais pela preferência afetivo-sexual dos homens negros por parceiras não negras do que o contrário, como indicam alguns estudos (PACHECO, 2008, p. 10).

Todavia, o problema se demonstra mais complexo e preocupante quando analisamos as consequências dessa rejeição à mulher negra. Além da população miscigenada estar em classes economicamente inferiores, a população de mulheres negras é a que apresenta o maior número de solteiras-sozinhas no país. Como aponta Hooks,

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 6)

Os únicos espaços em que a mulher negra não é minoria são aqueles onde predominam os serviços domésticos e subalternos – como nos tempos da escravidão –, tanto na sociedade como nas mídias. Nas novelas, os papéis oferecidos às negras são sempre os de serviçais; nas campanhas publicitárias, elas fazem propaganda de produtos de limpeza ou aparecem ao fundo, enquanto em primeiro plano aparecem algumas pessoas brancas, representando uma família feliz.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Infelizmente, a célebre frase "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar" (FREYRE apud THEBALDI, 2011, p. 8) ilustra claramente a constituição de valores culturais fincados no patriarcalismo colonial, que traz a mulher branca como ideal de beleza e estigmatiza, de forma cruel, as mulheres negras, que são rotuladas como um instrumento de trabalho e diversão para o homem. De acordo com o "II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres" (SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2008, p. 172), a partir do racismo e da consequente hierarquia racial construída, ser negra passa a significar assumir uma posição inferior, desqualificada e menor. Já o sexismo atua na desqualificação do feminino.

É com esse contexto que a mulher negra tem que lidar, independentemente da classe social ou do grau de escolaridade. É nesta sociedade capitalista, que traz como ideal de beleza a mulher branca e magra, que se veste de acordo com as últimas tendências da moda, em que essa mulher negra está inserida. É nessa condição marginalizada que, além de lutar para sobreviver, para criar seus filhos, muitas vezes sozinhas, elas buscam espaço, visibilidade e dignidade.

Ela viu um anúncio da Cònsul para todas as mulheres do mundo... Procurou, não se achou ali. Era nenhuma. Tinha destino de preto. Quis mudar de Brasil; ser modelo em Soweto. Queria ser realidade... Disseram: Às vezes o negro compromete o produto. Ficou só. Ligou a TV. Tentou se achar algum ponto em comum entre ela e o free: nenhum. A não ser que amanhecesse loira, cabelos de Seda Shampoo mas a sua cor continua a mesma! Ela sofreu, eu sofri, eu vi. Pra fazer anúncio de free tenho que ser free, ela disse. (LUCINDA apud CARNEIRO, 1995, p. 544-545)

Mas o ideal de beleza, ditado pelas mídias de comunicação, não é cruel apenas com as mulheres negras, ele coloca todas as mulheres como objeto que se pode negociar e manipular. Por exemplo, quando uma propaganda é colocada num *outdoor* com uma modelo linda, branca e magra, com roupas e sapatos sofisticados, a mensagem que ela passa é: "se você for magra, comprar esta roupa, este sapato, esta bolsa, você vai ser poderosa e vai ter todos os homens aos seus pés". A mensagem é recebida pelo público alvo e esgotam-se roupas, bolsas e sapatos, enfim, a mulher comprou a ideia de que consumindo esses produtos ela se tornaria poderosa. Acontece que se todas as mulheres pensarem assim, todas elas compram essa mesma ideia e, então, tornam-se iguais, padronizadas. E se elas estão iguais, os homens vão tomá-las por objetos, vão querer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

todas do mesmo modo, apenas superficialmente, pois se são exatamente iguais, qualquer uma serve. No entanto, os homens irão procurar mulheres diferentes para um relacionamento de verdade, aquelas que têm atitude e que não se deixam influenciar por tendências, enfim, mulheres que têm personalidade e estilo próprios. Para Carneiro,

Se partirmos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. Muito tem se falado a respeito das implicações dessas imagens e dos mecanismos capazes de promover deslocamentos para a afirmação positiva desse segmento. (CARNEIRO, 1995, p. 3)

As mulheres negras passam por essa ditadura duas vezes, já que, além de branca e magra, a mulher também tem que ter os cabelos lisos. As mulheres que se esforçam para se encaixar nesses padrões submetem-se a dispendiosos processos de alisamentos e cirurgias para apagar os traços que as caracterizam racialmente. Os homens, negros e brancos, só acham uma mulher negra bonita se ela se parecer com Camila Pitanga ou Beyoncé, e isso é querer descaracterizar a raça, porque ambas são mestiças com forte traços caucasianos.

Essa é uma questão muito delicada e não pode ser essencializada, pois a mulher tem todo o direito de intervir no seu corpo, ela pode usufruir de toda tecnologia para se sentir bem e melhorar sua autoestima; entretanto, o que não pode acontecer é a perda da essência e as referências raciais, tendo em vista que isso é entrar no jogo da padronização.

Do mesmo modo, muitos negros, marcados pela marginalização sofrida na pele e pela cor da pele, não querem ver sua raça perpetuada em seus filhos, assim optam pelo casamento inter-racial para branquear seus descendentes. Ao invés de escolher sua parceira pelo caráter, eles escolhem pela cor. É claro que existem muitos casos em que a união inter-racial é baseada tão somente no amor e respeito pelas diferenças e esses casais têm uma consciência das lutas raciais.

Sabendo que são múltiplos os porquês de os homens negros preferirem as brancas para casar, mas ainda na tentativa de entender esses motivos, trazemos a reflexão de Berquó:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

[...] Deste ponto de vista, é de se estranhar que justamente as mulheres pretas que contam com um excedente de homens pretos, acabem por ter menores chances de encontrar parceiros para se casar [...] o excesso de mulheres brancas na subpopulação branca deve levá-las a competir, com sucesso, com pardas e pretas, no mercado matrimonial. A mestiçagem vem aumentando no Brasil como atesta o crescente contingente de pessoas ditas pardas. Ela se faz, entretanto, muito mais à custa de casamentos de mulheres brancas com homens pretos do que o contrário. Ou seja, a mestiçagem tendente ao embranquecimento é mais acentuada por parte dos homens' [...] Tendo de enfrentar uma razão de sexos a elas desfavorável, as mulheres brancas devem competir, com vantagens, no mercado matrimonial com as pardas e as pretas, que contam com um excedente de homens dentro de seu próprio grupo. Isto explicaria também o elevado celibato da mulher preta, além de sua entrada mais tarde em união. (BERQUÓ, 1987, p. 45-46)

O historiador negro Joel Rufino dos Santos, no livro *Atrás do Muro da Noite – Dinâmica das Culturas Afro-brasileiras*, da Fundação Palmares, na tentativa desastrosa de explicar o motivo pelo qual os homens negros preferem as loiras, coloca a cor da pele como um fator desqualificante, e todas as mulheres como meros objetos de consumo: "A parte mais óbvia da explicação é que a branca é mais bonita que a negra [...] Quem me conheceu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que já não sou um pé-rapado: o carro, como a mulher, é um signo (SANTOS; BARBOSA, 1994).

A resposta à equivocada tese de Rufino é dada, de forma brilhante, por Sueli Carneiro, em seu artigo intitulado "Gênero, raça e ascensão social":

[...] Joel Rufino afirmará em relação à mulher branca: "O negro sempre que pode prefere a branca porque ela é mais gostosa. 'Gostosa' é uma categoria sexual socialmente construída: a pele clara, e mais que a pele clara, o cabelo liso prometem mais gozo que outros. A exaltação da beleza da mulher branca tem a mesma função justificadora neste caso da deserção de um determinado tipo de homem negro em relação ao seu grupo racial, sendo a mulher branca, como Joel afirma, mais bonita e mais gostosa, este homem negro encontrar-se "prisioneiro" da sedução das formas brancas, como os senhores de engenho seriam "cativos" da sexualidade transgressora de suas escravas. Mas, por outro lado, ao definir a mulher branca também como um objeto de ostentação social, Joel Rufino explicita o objetivo fundamental do seu texto: reivindicar para este tipo de homem negro, o mesmo estatuto de que desfruta o homem branco nossa sociedade. Para este homem negro, deixar de ser um pé-rapado em e "adquirir" uma mulher branca, significaria libertar-se da condição social de negro e colocar-se em igualdade em relação ao homem branco. É por pretender-se neste lugar que Joel Rufino, para sustentar suas bravatas, permite-se olhar para as mulheres do "alto" de sua hipotética supremacia de macho e tomá-las como Fuscas ou Monzas a sua disposição no mercado, tal como um senhor de engenho considerava e usava brancas e negras. (CARNEIRO, 1995, p. 3-4)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Rufino não está totalmente equivocado. É verdade que a mulher negra está fora dos padrões estéticos, e por isso há uma clara tentativa de se invisibilizar essa mulher. Isso fica claro quando analisamos a presença desta nas novelas, campanhas publicitárias, passarelas, nos cargos de chefia, na política e no mercado matrimonial.

Joel Zito Araújo, em seu artigo intitulado “O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial Brasileira”, fala da exclusão da mulher negra nas telenovelas no papel de protagonista, ainda que seja levantada a bandeira da democracia racial nesse veículo:

A telenovela, assim, ao não dar visibilidade à verdadeira composição racial do país, compactua conservadoramente com o uso da mestiçagem como escudo para evitar o reconhecimento da importância da população negra na história e na vida cultural brasileira. Pactua com um imaginário de servidão e de inferioridade do negro na sociedade brasileira, participando assim de um massacre contra aquilo que deveria ser visto como o nosso maior patrimônio cultural diante de um mundo dividido por sectarismos e guerras étnicas e religiosas, o orgulho de nossa multiracialidade. (ARAÚJO, 2008, p.4)

Considerada como uma forma de entretenimento para as classes mais pobres, isso por sua acessibilidade, a telenovela é, muitas vezes, tomada como referência. Essas pessoas marginalizadas, com o intuito de fugirem dessas condições que lhes são estrategicamente impostas, acabam por se espelham nestas realidades maquiadas e elitistas representadas nas telenovelas. Quando a mulher se vê representada apenas como agentes dos serviços menos valorizados, acaba confirmando sua exclusão das estruturas de poder político e social. Segundo Araújo (2008, p. 3),

Se, durante todos esses anos, a mulher negra, essa minoria que sempre vive sob o domínio de um grupo formado por homens brancos ricos, representou papéis subalternos nas telenovelas ou mesmo, se interpretou personagens de “boazudas” ou “mulatas tipo exportação”, este estereótipo de mulher objeto se reproduz na sociedade.

Assim, não é de se estranhar que um estereótipo disseminado socialmente reflita-se tão diretamente na vida das pessoas. Também não é de se surpreender quando, mesmo uma pessoa tão “esclarecida”, como Joel Rufino, afirme que a mulher branca é mais bonita e mais “gostosa” que a mulher negra, afinal ele fala do alto da sua supremacia masculina. É alegando a feiura da mulher negra que o homem negro sente-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

se à vontade para casar-se com uma loira. E o homem branco só vê aquela como uma diversão, isso ainda se ela for mestiça, com traços aproximados do caucasiano.

Contudo, a solidão da mulher negra não é uma situação exclusiva da mulher negra brasileira. Uma reportagem da rede de tevê americana ABC News (2009) mostra um perfil atual de jovens mulheres negras que possuem dificuldades para encontrar parceiros, embora sejam independentes e bem sucedidas.

A reportagem traz números que impressionam: 42% das mulheres negras dos Estados Unidos nunca se casaram. Essa porcentagem é o dobro quando comparada a de mulheres brancas. Essa matéria causou tanta polêmica que a apresentadora Oprah Winfrey voltou a discutir o assunto no seu programa, que também teve muita repercussão.

A falta de homem bem sucedido disponível no mercado resulta no aumento do número de casamentos inter-raciais. Algumas populações afro-americanas resistem muito a essa mistura, por isso a polêmica em torno da reportagem da ABC News. Movimentos negros entenderam que Winfrey, ao encorajar o casamento inter-racial, deixou subtendido que não há negros bons, educados e inteligentes. Enfim, essa é uma longa e delicada discussão que inclui homens e mulheres de todas as raças e etnias.

Nos Estados Unidos e no Brasil, a situação da mulher negra é a mesma, embora, em virtude das diferenças socioculturais, não seja possível fazer tantas comparações sobre os motivos que levariam todas estas mulheres à solidão. Sim, aqui no Brasil, existem muitos negros bons, educados e inteligentes, entretanto, eles não estão disponíveis – estão casados com mulheres brancas. E, conseqüentemente, à mulher negra só parece caber o papel de amante, mãe solteira e solitária.

É de fundamental importância o desenvolvimento e aperfeiçoamento de ações afirmativas que mudem, de vez, a situação da mulher negra, mãe solteira, empregada doméstica, pobre, suburbana, cabocla, negra e mestiça; indivíduos que se deparam, cotidianamente, com situações de preconceito e subordinação por parte de uma elite branca, acostumada a apenas se ver e considerar os demais como invisíveis ou irrepresentáveis.

De acordo com Carneiro:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades. Isso é o que determina o fato de o combate ao racismo ser uma prioridade política para as mulheres negras, assertiva já enfatizada por Lélia Gonzalez, “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”. (CARNEIRO, 1995, p.3).

A reflexão mais importante que fica é que a mulher negra precisa se libertar e celebrar essa liberdade, entendendo que são bonitas, atraentes, fortes, inteligentes e poderosas, mas esse poder e força estão intrinsecamente ligados ao fato de ser mulher negra. E, como mulheres, merecem ser amadas e respeitadas, independentemente da sua cor.

Enfim, a mulher negra, que se sente no dilema de ser preterida, não tem que passar por um processo de embranquecimento para ser aceita. O que precisa urgentemente mudar é a cultura, pois esta não representa um povo e suas diversidades. Um país tão grande, plural e com realidades tão distintas não deve ser compreendido em um padrão colonialista, escravocrata e arcaico.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial Brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 979-985, set.-dez./2008.

BERQUÓ, Elza. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1987. Disponível em:
<http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_11.pdf>.
Acesso em: 09 jan. 2011

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p.6. 1995.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalha**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas: [s. n.], 2008.

PORTAL ARTIGONAL. **Considerações sobre o gênero feminino na obra Casa Grande e Senzala**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/consideracoes-sobre-o-genero-feminino-na-obra-casa-grande-e-senzala-3965172.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

PORTAL NEPO. Disponível em:
<http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_11.pdf>
Acesso em: 09 jan. 2011.

PORTAL YOUTUBE. **Why Are 42% Of Black Successful Women Are Single?**
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wCoI-B9AYjs>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos.; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Um muro atrás da meia noite**: dinâmica das culturas afro-brasileiras. Brasília: MEC/ Fundação Palmares, 1994.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. 2 reimp. Brasília, 2008. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/docs/Livro_II_PNPM_completo09.09.2009.pdf>. Acesso em: 05 out. 2010.

THEBALDI, Marina. **Considerações sobre o gênero feminino na obra Casa Grande e Senzala**. Colatina, ES, 2011. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/consideracoes-sobre-o-genero-feminino-na-obra-casa-grande-e-senzala-3965172.html>> Acesso em 10 jan. 2011.